Biblioteca Virtualbooks

O PROTOCOLO

MACHADO DE ASSIS

O PROTOCOLO

Comédia em um ato

Representada pela primeira vez no Ateneu Dramático em novembro de 1862 –

PERSONAGENS

Pinheiro - Sr. Cardoso
Venâncio Alves - Sr. Pimentel
Elisa - Sra. D. Maria Fernanda
Lulu - Sra. D. Jesuína Montani

Atualidade

EM CASA DE PINHEIRO
Sala de visitas

CENA I

Elisa, Venâncio Alves

ELISA - Está meditando?
VENÂNCIO *(como que acordando)* - Ah! perdão!
ELISA - Estou afeita à alegria constante de Lulu, e não posso ver ninguém triste.
VENÂNCIO - Exceto a senhora mesma.
ELISA - Eu!
VENÂNCIO - A senhora!
ELISA - Triste, por que, meu Deus?
VENÂNCIO - Eu sei! Se a rosa dos campos me fizesse a mesma pergunta, eu responderia que era falta de orvalho e de sol. Quer que lhe diga que é falta de... de amor?
ELISA *(rindo-se)* - Não diga isso!
VENÂNCIO - Com certeza, é.

ELISA - Donde conclui?
VENÂNCIO - A senhora tem um sol oficial e um orvalho legal que não sabem animá-la. Há nuvens...
ELISA - É suspeita sem fundamento.
VENÂNCIO - É realidade.
ELISA - Que franqueza a sua!
VENÂNCIO - Ah! é que o meu coração é virginal, e portanto sincero.
ELISA - Virginal a todos os respeitos?
VENÂNCIO - Menos a um.
ELISA - Não serei indiscreta: é feliz.
VENÂNCIO - Esse é o engano. Basta essa exceção para trazer-me um temporal. Tive até certo tempo o sossego e a paz do homem que está fechado no gabinete sem se lhe dar da chuva que açoita as vidraças.
ELISA - Por que não se deixou ficar no gabinete?
VENÂNCIO - Podia acaso fazê-lo? Passou fora a melodia do amor; o coração é curioso e bateu-me que saísse; levantei-me, deixei o livro que estava lendo; era *Paulo e Virgínia!* Abri a porta e nesse momento a fada passava. *(Reparando nela).* Era de olhos negros e cabelos castanhos.
ELISA - Que fez?
VENÂNCIO - Deixei o gabinete, o livro, tudo, para seguir a fada do amor!
ELISA - Não reparou se ela ia só?
VENÂNCIO *(suspirando)* - Não ia só!
ELISA *(em tom de censura)* - Fez mal.
VENÂNCIO - Talvez. Curioso animal que é o homem! Em criança deixa a casa paterna para acompanhar os batalhões que vão à parada; na mocidade deixa os conchegos e a paz para seguir a fada do amor; na idade madura deixa-se levar pelo deus Momo da política ou por qualquer outra fábula do tempo. Só na velhice deixa passar tudo sem mover-se, mas... é porque já não tem pernas!
ELISA - Mas que tencionava fazer se ela não ia só?
VENÂNCIO - Nem sei.
ELISA - Foi loucura. Apanhou chuva!
VENÂNCIO - Ainda estou apanhando.
ELISA - Então é um extravagante.
VENÂNCIO - Sim. Mas um extravagante por amor... Ó poesia!
ELISA - Mau gosto!
VENÂNCIO - A Sra. é a menos competente para dizer isso.
ELISA - É sua opinião?
VENÂNCIO - É opinião deste espelho.
ELISA - Ora!
VENÂNCIO - E dos meus olhos também.
ELISA - Também dos seus olhos?
VENÂNCIO - Olhe para eles.
ELISA - Estou olhando.

VENÂNCIO - O que vê dentro?
ELISA - Vejo... *(Com enfado)* Não vejo nada!
VENÂNCIO - Ah! está convencida!
ELISA - Presumido!
VENÂNCIO - Eu! Essa agora não é má!
ELISA - Para que seguia quem passava quieta pela rua? Supunha abrandá-la com as suas mágoas?
VENÂNCIO - Acompanhei-a, não para abrandá-la, mas para servi-la; viver do rasto de seus pés, das migalhas dos seus olhares; apontar-lhe os regos a saltar, apanhar-lhe o leque quando caísse... *(Cai o leque a Elisa. Venâncio Alves apressa-se a apanha-o e entrega-lho).* Finalmente...
ELISA - Finalmente... fazer profissão de presumido!
VENÂNCIO - Acredita deveras que o seja?
ELISA - Parece.
VENÂNCIO - Pareço, mas não sou. Presumido seria se eu exigisse a atenção exclusiva da fada da noite. Não quero! Basta-me ter coração para amá-la, é a minha maior ventura!
ELISA - A que pode levá-lo esse amor? Mais vale sufocar no coração a chama nascente do que condená-la a arder em vão.
VENÂNCIO - Não; é uma fatalidade! Arder e renascer, como a fênix, suplício eterno, mas amor eterno também.
ELISA - Eia! Ouça uma... amiga. Não dê a esse sentimento tanta importância. Não é a fatalidade da fênix, é a fatalidade... do relógio. Olhe para aquele. Lá anda correndo e regulando; mas se amanhã não lhe derem corda, ele parará. Não dê corda à paixão, que ela parará por si.
VENÂNCIO - Isso não!
ELISA - Faça isso... por mim!
VENÂNCIO - Pela senhora! Sim... não...
ELISA - Tenha ânimo!

CENA II

Venâncio Alves, Elisa, Pinheiro

PINHEIRO *(a Venâncio)* - Como está?
VENÂNCIO - Bom. Conversávamos sobre coisas da moda. Viu os últimos figurinos? São de apurado gosto.
PINHEIRO - Não vi.
VENÂNCIO - Está com um ar triste...
PINHEIRO - Triste, não; aborrecido... É a minha moléstia do domingo.
VENÂNCIO - Ah!
PINHEIRO - Ando a abrir e fechar a boca; é um círculo vicioso.
ELISA - Com licença.

VENÂNCIO - Oh! minha senhora!
ELISA - Eu faço anos hoje; venha jantar conosco.
VENÂNCIO - Venho. Até logo.

CENA III

Pinheiro, Venâncio Alves

VENÂNCIO - Anda então em um círculo vicioso?
PINHEIRO - É verdade. Tentei dormir, não pude; tentei ler, não pude. Que tédio, meu amigo!
VENÂNCIO - Admira!
PINHEIRO - Por que?
VENÂNCIO - Porque não sendo viúvo nem solteiro...
PINHEIRO - Sou casado...
VENÂNCIO - É verdade.
PINHEIRO - Que adianta?
VENÂNCIO - É boa! adianta ser casado. Compreende nada melhor que o casamento?
PINHEIRO - O que pensa da China, Sr. Venâncio?
VENÂNCIO - Eu? Penso...
PINHEIRO - Já sei, vai repetir-me o que tem lido nos livros e visto nas gravuras; não sabe mais nada.
VENÂNCIO - Mas as narrações verídicas...
PINHEIRO - São minguadas ou exageradas. Vá à China, e verá como as coisas mudam tanto ou quanto de figura.
VENÂNCIO - Para adquirir essa certeza não vou lá.
PINHEIRO - É o que lhe aconselho; não se case!
VENÂNCIO - Que não me case?
PINHEIRO - Ou não vá à China, como queira. De fora, conjecturas, sonhos, castelos no ar, esperanças, comoções... Vem o padre, dá a mão aos noivos, leva-os, chegam às muralhas... Upa! estão na China! Com a altura da queda fica-se atordoado, e os sonhos de fora continuam dentro: é a lua de mel; mas, à proporção que o espírito se restabelece, vai vendo o país como ele é; então poucos lhe chamam Celeste Império, alguns infernal império, muitos purgatorial império!
VENÂNCIO - Ora, que banalidade! E que sofisma!
PINHEIRO - Quantos anos tem, *Sr.* Venâncio?
VENÂNCIO - Vinte e quatro.
PINHEIRO - Está com a mania que eu tinha na sua idade.
VENÂNCIO - Qual mania?
PINHEIRO - A de querer acomodar todas as coisas à lógica, e a lógica a todas coisas. Viva, experimente e convencer-se-á de que nem sempre se pode alcançar isso.
VENÂNCIO - Quer-me parecer que há nuvens no céu conjugal?

PINHEIRO - Há. Nuvens pesadas.
VENÂNCIO - Já eu as tinha visto com o meu telescópio.
PINHEIRO - Ah! se eu não estivesse preso...
VENÂNCIO - É exageração de sua parte. Capitule, Sr. Pinheiro, capitule. Com mulheres bonitas é um consolo capitular. Há de ser o meu preceito de marido.
PINHEIRO - Capitular é vergonha.
VENÂNCIO - Com uma moça encantadora?...
PINHEIRO - Não é uma razão.
VENÂNCIO - Alto lá! Beleza obriga.
PINHEIRO - Pode ser verdade, mas eu peço respeitosamente licença para declarar-lhe que estou com o novo princípio de não-intervenção nos Estados. Nada de intervenções.
VENÂNCIO - A minha intenção é toda conciliatória.
PINHEIRO - Não duvido, nem duvidava. Não veja no que disse injúria pessoal. Folgo de recebê-lo e de contá-lo entre os afeiçoados de minha família.
VENÂNCIO - Muito obrigado. Dá-me licença?
PINHEIRO - Vai rancoroso?
VENÂNCIO - Ora, qual! Até à hora do jantar.
PINHEIRO - Há de desculpar-me, não janto em casa. Mas considere-se com a
mesma liberdade. *(Sai Venâncio. Entra Lulu).*

CENA IV

Pinheiro, Lulu

LULU - Viva, primo!
PINHEIRO - Como estás, Lulu?
LULU - Meu Deus, que cara feia!
PINHEIRO - Pois é a que trago sempre.
LULU - Não é, não, senhor; a sua cara de costume é uma cara amável; essa é de afugentar a gente. Deu agora para andar arrufado com sua mulher!
PINHEIRO - Mau!
LULU - Escusa de zangar-se também comigo. O primo é um bom marido; a prima é uma excelente esposa; ambos formam um excelente casal. É bonito andarem amuados, sem se olharem nem se falarem? Até parece namoro!
PINHEIRO - Ah! tu namoras assim?
LULU - Eu não namoro.
PINHEIRO - Com essa idade?
LULU - Pois então! Mas escute: estes arrufos vão continuar?
PINHEIRO - Eu sei lá.

LULU - Sabe, sim. Veja se isto é bonito na lua de mel; ainda não há cinco meses que se casaram.
PINHEIRO - Não há, não. Mas a data não vem ao caso. A lua de mel ofuscou-se; é alguma nuvem que passa; deixa-la passar. Queres que eu faça como aquele doido que, ao enublar-se o luar, pedia a Júpiter que espevitasse o candeeiro? Júpiter é independente, e me apagaria de todo o luar, como fez com o doido. Aguardemos antes que algum vento sopre do norte, ou do sul, e venha dissipar a passageira sombra.
LULU - Pois sim! Ela é norte, o primo é o sul; faça com que o vento sopre do sul.
PINHEIRO - Não, senhora, há de soprar do norte.
LULU - Capricho sem graça!
PINHEIRO - Queres saber de uma coisa, Lulu? Estou pensando que és uma brisazinha do norte encarregada de fazer clarear o céu.
LULU - Oh! nem por graça!
PINHEIRO - Confessa, Lulu!
LULU - Posso ser uma brisa do sul, isso sim!
PINHEIRO - Não terás essa glória.
LULU - Então o primo é caprichoso assim?
PINHEIRO - Caprichos? Ousas tu, posteridade de Eva, falar de caprichos a mim, posteridade de Adão!
LULU - Oh!...
PINHEIRO - Tua prima é uma caprichosa. De seus caprichos nasceram estas diferenças entre nós. Mas para caprichosa, caprichoso: contrafiz-me, estudei no código feminino meios de pôr os pés à parede, e tornei-me de antes quebrar que torcer. Se dia não der um passo, também eu não dou.
LULU - Pois eu estendo a mão direita a um e a esquerda a outro, e os aproximarei.
PINHEIRO - Queres ser o anjo da reconciliação?
LULU - Tal qual.
PINHEIRO - Contanto que eu não passe pelas forcas caudinas.
LULU - Hei de fazer as coisas airosamente.
PINHEIRO - Insistes nisso? Eu podia dizer que era ainda um capricho de mulher. Mas não digo, não, chamo antes afeição e dedicação.

CENA V

Pinheiro, Lulu, Elisa

LULU *(baixo)* - Olhe, aí está ela!
PINHEIRO *(baixo)* - Deixa-a.
ELISA - Andava à tua procura, Lulu.
LULU - Para que, prima?

ELISA - Para me dares uma pouca de lã.
LULU - Não tenho aqui; vou buscar.
PINHEIRO - Lulu!
LULU - O que é?
PINHEIRO *(baixo)* - Dize à tua prima que eu janto fora.
LULU *(indo à Elisa, baixo)* - O primo janta fora.
ELISA *(baixo)* - Se é por ter o que fazer, podemos esperar.
LULU *(a Pinheiro, baixo)* - Se é por ter o que fazer, podemos esperar.
PINHEIRO *(baixo)* - É um convite.
LULU *(alto)* - É um convite.
ELISA *(alto)* - Ah! se é um convite pode ir; jantaremos sós.
PINHEIRO *(levantando-se)* - Consentirá, minha senhora, que lhe faça uma observação: mesmo sem a sua licença, eu podia ir!
ELISA - Ah! é claro! Direito de marido... Quem lho contesta?
PINHEIRO - Havia de ser engraçada a contestação!
ELISA - Mesmo muito engraçada!
PINHEIRO - Tanto quanto foi ridícula a licença.
LULU - Primo!
PINHEIRO *(a Lulu)* - Cuida das tuas novelas! Vai encher a cabeça de romantismo, é moda; colhe as idéias absurdas que encontrares nos livros, e depois faz da casa de teu marido a cena do que houveres aprendido com as leituras: é também moda. *(Sai arrebatadamente).*

CENA VI
Lulu, Elisa

LULU - Como está o primo!
ELISA - Mau humor, há de passar!
LULU - Sabe como passava depressa? Pondo fim a estes amuos.
ELISA - Sim, mas cedendo ele.
LULU - Ora, isso é teima!
ELISA - É dignidade!
LULU - Passam dias sem se falarem, e, quando se falam, é assim.
ELISA - Ah! isto é o que menos cuidado me dá. Ao principio fiquei amofinada, e devo dizê-lo, chorei. São coisas estas que só se confessam entre mulheres. Mas hoje vou fazer o que as outras fazem: curar pouco das torturas domesticas. Coração à larga, minha filha, ganha-se o céu, e não se perde a terra.
LULU - Isso é zanga!
ELISA - Não é zanga, é filosofia. Há de chegar o teu dia, deixa estar. Saberás então quanto vale a ciência do casamento.
LULU - Pois explica, mestra.
ELISA - Não; saberás por ti mesma. Quero, entretanto, instruir-te de uma coisa. Não lhe ouviste falar no direito? É engraçada a história do direito! Todos os poetas concordam em dar às mulheres o nome de

anjos. Os outros homens não se atrevem a negar, mas dizem consigo: "Também nós somos anjos!" Nisto há sempre um espelho ao lado, que lhes faz ver que, para anjos faltam-lhes... asas! Asas! asas! a todo o custo. E arranjam-nas; legítimas ou não, pouco importa. Essas asas os levam a jantar fora, a dormir fora, muitas vezes a amar fora. A essas asas chamam enfaticamente: o nosso direito!
LULU - Mas, prima, as nossas asas?
ELISA - As nossas? Bem se vê que és inexperiente. Estuda, estuda, e hás de achá-las.
LULU - Prefiro não usar delas.
ELISA - Hás de dizer o contrário quando for ocasião. Meu marido lá bateu as suas; o direito de jantar fora! Caprichou em não levar-me à casa de minha madrinha; é ainda o direito. Daqui nasceram os nossos arrufos, arrufos sérios. Uma santa zangar-se-ia como eu. Para caprichoso, caprichosa!
LULU - Pois sim! mas estas coisas vão dando na vista; já as pessoas que freqüentam nossa casa têm reparado; o Venâncio Alves não me deixa sossegar com as suas perguntas.
ELISA - Ah! sim?
LULU - Que rapaz aborrecido, prima!
ELISA - Não acho!
LULU - Pois eu acho: aborrecido com as suas afetações!
ELISA - Como aprecias mal! Ele fala com graça e chama-o afetado?...
LULU - Que olhos os seus, prima!
ELISA *(indo ao espelho)* - São bonitos?
LULU - São maus.
ELISA - Em que, minha filósofa?
LULU - Em verem o anverso de Venâncio Alves e o reverso do primo.
ELISA - És uma tola.
LULU - Só?
ELISA - E uma descomedida.
LULU - É porque os amo a ambos. E depois...
ELISA - Depois, o que?
LULU - Vejo no Venâncio Alves um arzinho de pretendente.
ELISA - À tua mão direita?
LULU - À tua mão esquerda.
ELISA - Oh!
LULU - É coisa que se adivinha... *(Ouve-se um carro).* Aí está o homem.
ELISA - Vai recebê-lo. *(Lulu vai até à porta. Elisa chega-se a um espelho e compõe o toucado).*

CENA VII
Elisa, Lulu, Venâncio

LULU - O Sr. Venâncio Alves chega a propósito; falávamos na sua pessoa.
VENÂNCIO - Em que ocupava eu a atenção de tão gentis senhoras?
LULU - Fazíamos o inventário das suas qualidades.
VENÂNCIO - Exageravam-me o cabedal, já sei.
LULU - A prima dizia: "Que moço amável é o Sr. Venâncio Alves!"
VENÂNCIO - Ah! e a senhora?
LULU - Eu dizia: "Que moço amabilíssimo é o Sr. Venâncio Alves!"
VENÂNCIO - Dava-me o superlativo. Não me cai no chão esta atenção gramatical.
LULU - Eu sou assim: estimo ou aborreço no superlativo. Não é, prima?
ELISA *(contrariada)* - Eu sei lá!
VENÂNCIO - Como deve ser triste cair-lhe no desagrado!
LULU - Vou avisando, é o superlativo.
VENÂNCIO - Dou-me por feliz. Creio que lhe cai em graça...
LULU - Caiu! Caiu! Caiu!
ELISA - Lulu, vai buscar a lã.
LULU - Vou prima, vou. *(Sai correndo).*

CENA VIII
Venâncio, Elisa

VENÂNCIO - Voa qual uma andorinha esta moça!
ELISA - É próprio da idade.
VENÂNCIO - Vou sangrar-me...
ELISA - Hein!
VENÂNCIO - Sangrar-me em saúde contra uma suspeita sua.
ELISA - Suspeita?
VENÂNCIO - Suspeita de haver-me adiantado o meu relógio.
ELISA *(rindo)* - Posso crê-lo.
VENÂNCIO - Estará em erro. Olhe, são duas horas; confronte com o seu: duas horas.
ELISA - Pensa que acreditei seriamente?
VENÂNCIO - Vim mais cedo e de passagem. Quis antecipar-me aos outros no cumprimento de um dever. Os antigos, em prova de respeito, depunham aos pés dos deuses grinaldas e festões; o nosso tempo, infinitamente prosaico, só nos permite oferendas prosaicas; neste álbum ponho eu o testemunho do meu júbilo pelo dia de hoje.
ELISA - Obrigada. Creio no sentimento que o inspira e admiro o gosto da escolha.
VENÂNCIO - Não é a mim que deve tecer o elogio.

ELISA - Foi gosto de quem o vendeu?
VENÂNCIO - Não, minha senhora, eu próprio o escolhi; mas a escolha foi das mais involuntárias; tinha a sua imagem na cabeça e não podia deixar de acertar.
ELISA - É uma fineza de quebra. *(Folheia o álbum).*
VENÂNCIO - É por isso que me vibra um golpe?
ELISA - Um golpe?
VENÂNCIO - É tão casta que não há de calcular comigo; mas as suas palavras são proferidas com uma indiferença que eu direi instintiva.
ELISA - Não creia...
VENÂNCIO - Que não creia na indiferença?
ELISA - Não... Não creia no cálculo...
VENÂNCIO - Já disse que não. Em que que devo crer seriamente?
ELISA - Não sei...
VENÂNCIO - Em nada, não lhe parece?
ELISA - Não reza a história de que os antigos, ao depositarem as suas oferendas, apostrofassem os deuses.
VENÂNCIO - É verdade: este uso é do nosso tempo.
ELISA - Do nosso prosaico tempo.
VENÂNCIO - A senhora ri? Riamos todos! Também eu rio e da melhor vontade.
ELISA - Pode rir sem temor. Acha que sou deusa? Mas os deuses já se foram. Estátua, isto sim.
VENÂNCIO - Será estátua. Não me inculpe, nesse caso, a admiração.
ELISA - Não inculpo, aconselho.
VENÂNCIO *(repoltreando-se)* - Foi excelente esta idéia do divã. É um consolo para quem está cansado, e quando à comodidade junta o bom gosto, como este, então é ouro sobre azul. Não acha engenhoso, D. Elisa?
ELISA - Acho.
VENÂNCIO - Devia ser inscrito entre os beneméritos da humanidade o autor disto. Com trastes assim, e dentro de uma casinha de campo, prometo ser o mais sincero anacoreta que jamais fugiu às tentações do mundo. Onde comprou este?
ELISA - Em casa do Costrejean.
VENÂNCIO - Comprou uma preciosidade.
ELISA - Com outra que está agora por cima, e que eu não comprei, fazem duas, duas preciosidades.
VENÂNCIO - Disse muito bem! É tal o conchego que até se podem esquecer as horas... É verdade, que horas são? Duas e meia. A senhora dá-me licença?
ELISA - Já se vaI?
VENÂNCIO - Até à hora do jantar.
ELISA - Olhe, não me queira mal.
VENÂNCIO - Eu, mal! E por que?
ELISA - Não me obrigue a explicações inúteis.

VENÂNCIO - Não obrigo, não. compreendo de sobejo a sua intenção. Mas, francamente, se a flor está alta para ser colhida, é crime aspirar-lhe de longe o aroma e adorá-la?
ELISA - Crime não é.
VENÂNCIO - São duas e meia. Até à hora do jantar.

CENA IX
Venâncio, Elisa, Lulu

LULU - Sai com a minha chegada?
VENÂNCIO - Ia sair.
LULU - Até quando?
VENÂNCIO - Até à hora do jantar.
LULU - Ah! janta conosco?
ELISA - Sabes que faço anos, e esse dia é o dos amigos.
LULU - É justo, é justo
VENÂNCIO - Até logo.

CENA X
Lulu, Elisa

LULU - Oh! teve presente!
ELISA - Não achas de gosto?
LULU - Não tanto.
ELISA - É prevenção. Suspeitas que é do Venâncio Alves?
LULU - Atinei logo.
ELISA - Que tens contra esse moço?
LULU - Já to disse.
ELISA - É mau deixar-se ir pelas antipatias.
LULU - Antipatias não tenho.
ELISA - Alguém sobe.
LULU - Há de ser o primo.
ELISA - Ele! *(Sai).*

CENA XI
Pinheiro, Lulu

LULU - Viva! está mais calmo?
PINHEIRO - Calmo sempre, menos nas ocasiões em que és... indiscreta.
LULU - Indiscreta!
PINHEIRO - Indiscreta, sim, senhora! Para que veio aquela exclamação quando eu falava com Elisa?

LULU - Foi porque o primo falou de um modo...
PINHEIRO - De um modo, que é o meu modo, que é modo de todos os maridos contrariados.
LULU - De um modo que não é o seu, primo. Para que fazer-se mau quando é
bom? Pensa que não se percebe quanto lhe custa contrafazer-se?
PINHEIRO - Vais dizer que sou um anjo!
LULU - O primo é um excelente homem, isso sim. Olhe, sou importuna, e hei de sê-lo até vê-los desamuados.
PINHEIRO - Ora, prima, para irmã de caridade, és muito criança. Dispenso os teus conselhos e os teus serviços.
LULU - É um ingrato.
PINHEIRO - Serei.
LULU - Homem sem coração.
PINHEIRO - Quanto a isso, é questão de fato; põe aqui a tua mão, não sentes bater? É o coração.
LULU - Eu sinto um charuto.
PINHEIRO - Um charuto? Pois é isso mesmo. Coração e charuto são símbolos um do outro; ambos se queimam e se desfazem em cinzas. Olha, este charuto, sei eu que o tenho para fumar; mas o coração, esse creio que já está todo no cinzeiro.
LULU - Sempre a brincar!
PINHEIRO - Achas que devo chorar?
LULU - Não, mas...
PINHEIRO - Mas o que?
LULU - Não digo, é uma coisa muito feia.
PINHEIRO - Coisas feias na tua boca, Lulu!
LULU - Muito feia.
PINHEIRO - Não há de ser, dize.
LULU - Demais, posso parecer indiscreta.
PINHEIRO - Ora, qual; alguma coisa de meu interesse?
LULU - Se é!
PINHEIRO - Pois, então, não és indiscreta!
LULU - Então, quantas caras tem a indiscrição?
PINHEIRO - Duas.
LULU - Boa moral!
PINHEIRO - Moral à parte. Fala: o que é?
LULU - Que curioso! É uma simples observação; não lhe parece que é mau desamparar a ovelha, havendo tantos lobos, primo?
PINHEIRO - Onde aprendeste isso?
LULU - Nos livros que me dão para ler.
PINHEIRO - Estás adiantada! E já que sabes tanto, falarei. como se falasse a um livro. Primeiramente, eu não desamparo; depois, não vejo lobos.
LULU - Desampara, Sim!
PINHEIRO - Não estou em casa?

LULU - Desampara o coração.
PINHEIRO - Mas, os lobos?...
LULU - Os lobos vestem-se de cordeiros e apertam a mão ao pastor, conversam com ele, sem que deixem de olhar furtivamente para a ovelha mal guardada.
PINHEIRO - Não há nenhum.
LULU - São assíduos; visitas sobre visitas; muita zumbaia, muita atenção, mas lá por dentro a ruminarem coisas más.
PINHEIRO - Ora, Lulu, deixa-te de tolices.
LULU - Não digo mais nada. Onde foi Venâncio Alves?
PINHEIRO - Não sei. Ali está um que não há de ser acusado de lobo.
LULU - Os lobos vestem-se de cordeiros.
PINHEIRO - O que é que dizes?
LULU - Eu não digo nada. Vou tocar piano. Quer ouvir um noturno ou prefere uma polca?
PINHEIRO - Lulu, ordeno-lhe que fale!
LULU - Para que? para ser indiscreta?
PINHEIRO - Venâncio Alves?...
LULU - É um tolo, nada mais. *(Sai. Pinheiro fica pensativo. Vai à mesa e vê o álbum)*

CENA XII

Pinheiro, Elisa

PINHEIRO - Há de desculpar-me, mas creio não ser indiscreto, desejando saber com que sentimento recebeu este álbum.
ELISA - Com o sentimento com que se recebem álbuns.
PINHEIRO - A resposta em nada me esclarece.
ELISA - Há então sentimentos para receber álbuns, e há um com que eu deveria receber este?
PINHEIRO - Devia saber que há.
ELISA - Pois... recebi com esse.
PINHEIRO - A minha pergunta poderá parecer indiscreta, mas...
ELISA - Oh! indiscreta, não!
PINHEIRO - Deixe, minha senhora, esse tom sarcástico, e veja bem que eu falo sério.
ELISA - Vejo isso. Quanto à pergunta, está exercendo um direito.
PINHEIRO - Não lhe parece que seja um direito este de investigar as intenções dos pássaros que penetram em minha seara, para saber se são daninhos?
ELISA - Sem dúvida. Ao lado desse direito, está o nosso dever, dever das searas, de prestar-se a todas as suspeitas.
PINHEIRO - É inútil a argumentação por esse lado: os pássaros cantam e as cantigas deleitam.
ELISA - Está falando sério?

PINHEIRO - Muito sério.
ELISA - Então consinta que faça contraste: eu rio-me.
PINHEIRO - Não me tome por um mau sonhador de perfídias; perguntei, porque estou seguro de que não são muito santas as intenções que trazem à minha casa Venâncio Alves.
ELISA - Pois eu nem suspeito...
PINHEIRO - Vê o céu nublado e as águas turvas: pensa que é azada ocasião para pescar.
ELISA - Está feito, é de pescador atilado!
PINHEIRO - Pode ser um mérito a seus olhos, minha senhora; aos meus é um vício de que o pretendo curar, arrancando-lhe as orelhas.
ELISA - Jesus! está com intenções trágicas!
PINHEIRO - Zombe ou não, há de ser assim.
ELISA - Mutilado ele, que pretende fazer da mesquinha Desdêmona?
PINHEIRO - Conduzi-la de novo ao lar paterno.
ELISA - Mas, afinal de contas, meu marido, obriga-me a falar também seriamente.
PINHEIRO - Que tem a dizer?
ELISA - Fui tirada há meses da casa de meu pai para ser sua mulher; agora, por um pretexto frívolo, leva-me de novo ao lar paterno. Parece-lhe que eu seja uma casaca que se pode tirar por estar fora de moda?
PINHEIRO - Não estou para rir, mas digo-lhe que antes fosse uma casaca.
ELISA - Muito obrigada!
PINHEIRO - Qual foi a casaca que já me deu cuidados? Por ventura quando saio com a minha casaca não vou descansado a respeito dela? Não sei eu perfeitamente que ela não olha complacente para as costas alheias e fica descansada nas minhas?
ELISA - Pois tome-me por uma casaca. Vê em mim alguns salpicos?
PINHEIRO - Não, não vejo. Mas vejo a rua cheia de lama e um carro que vai passando; e nestes casos, como não gosto de andar mal asseado, entro em um corredor, com a minha casaca, à espera de que a rua fique desimpedida.
ELISA - Bem. Vejo que quer a nossa separação temporária... até que passe o
carro. Durante esse tempo como pretende andar? Em mangas de camisa?
PINHEIRO - Durante esse tempo não andarei, ficarei em casa.
ELISA - Oh! suspeita por suspeita! Eu não creio nessa reclusão voluntária.
PINHEIRO - Não crê? E por que?
ELISA - Não creio, por mil razões.
PINHEIRO - Dê-me uma, e fique com as novecentas e noventa e nove.
ELISA - Posso dar-lhe mais de uma e até todas. A primeira é a

simples dificuldade de conter-se entre as quatro paredes desta casa.
PINHEIRO - Verá se posso.
ELISA - A segunda é que não deixará de aproveitar o isolamento para ir ao alfaiate provar outras casacas.
PINHEIRO - Oh!
ELISA - Para ir ao alfaiate é preciso sair; quero crer que não fará vir o alfaiate à casa.
PINHEIRO - Conjecturas suas. Reflita, que não está dizendo coisas assizadas. Conhece o amor que lhe tive e lhe tenho, e sabe de que sou capaz. Mas, voltemos ao ponto de partida. Este livro pode nada significar e significar muito. *(Folheia).* Que responde?
ELISA - Nada.
PINHEIRO - Oh! que é isto? É a letra dele.
ELISA - Não tinha visto.
PINHEIRO - É talvez uma confidência. Posso ler?
ELISA - Por que não?
PINHEIRO *(lendo)* - "Se me privas dos teus aromas, ó rosa que foste abrir sobre um rochedo, não podes fazer com que eu te não ame, contemple e abençoe!" Como acha isto?
ELISA - Não sei.
PINHEIRO - Não tinha lido?
ELISA (sentando-se) - Não.
PINHEIRO - Sabe quem é esta rosa?
ELISA - Cuida que serei eu?
PINHEIRO - Parece. O rochedo sou eu. Onde vai ele desencavar estas figuras.
ELISA - Foi talvez escrito sem intenção...
PINHEIRO - Ai! foi... Ora, diga, é bonito isto? Escreveria ele se não houvesse esperanças?
ELISA - Basta. Tenho ouvido. Não quero continuar a ser alvo de suspeitas. Esta frase é intencional; ele viu as águas turvas... De quem a culpa? Dele ou sua? Se as não houvesse agitado, elas estariam plácidas e transparentes como dantes.
PINHEIRO - A culpa é minha?
ELISA - Dirá que não é. Paciência. Juro-lhe que não sou cúmplice nas intenções deste presente.
PINHEIRO - Jura?
ELISA - Juro.
PINHEIRO - Acredito. Dente por dente, Elisa, como na pena de Talião. Aqui tens a minha mão em prova de que esqueço tudo.
ELISA - Também eu tenho a esquecer e esqueço.

CENA XIII

Elisa, Pinheiro, Lulu

LULU - Bravo! voltou o bom tempo?
PINHEIRO - Voltou.
LULU - Graças a Deus! De que lado soprou o vento?
PINHEIRO - De ambos os lados.
LULU - Ora bem!
ELISA - Pára um carro.
LULU *(vai à janela)* - Vou ver.
PINHEIRO - Há de ser ele.
LULU *(vai à porta)* - Entre, entre.

CENA XIV

Lulu, Venâncio, Pinheiro, Elisa

PINHEIRO *(baixo à Elisa)* - Poupo-lhe as orelhas, mas hei de tirar desforra...
VENÂNCIO - Não faltei... Oh! não foi jantar fora?
PINHEIRO - Não. A Elisa pediu-me que ficasse...
VENÂNCIO *(com uma careta)* - Muito estimo.
PINHEIRO - Estima? Pois não é verdade?
VENÂNCIO - Verdade o que?
PINHEIRO - Que tentasse perpetuar as hostilidades entre a potência marido e a potência mulher?
VENÂNCIO - Não percebo...
PINHEIRO - Ouvi falar de uma conferência e de umas notas... uma intervenção da sua parte na dissidência de dois estados unidos pela natureza e pela lei; gabaram-me os seus meios diplomáticos, e as suas conferências repetidas, e até veio parar às minhas mãos este protocolo, tornado agora inútil, e que eu tenho a honra de depositar em suas mãos.
VENÂNCIO - Isto não é um protocolo... é um álbum... não tive intenção...
PINHEIRO - Tivesse ou não, arquive o volume depois de escrever nele - que a potência Venâncio Alves não entra na santa-aliança.
VENÂNCIO - Não entra?... mas creia... A senhora... me fará justiça.
ELISA - Eu? Eu entrego-lhe as credenciais.
LULU - Aceite, olhe que deve aceitar.
VENÂNCIO - Minhas senhoras, Sr. Pinheiro. *(Sai).*
TODOS - Ah! Ah! Ah!
LULU - O jantar está na mesa. Vamos celebrar o tratado de paz.

****

Sobre o autor e sua obra

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS nasceu no Rio de Janeiro, a 21 de junho de 1839 e faleceu na mesma cidade, em 29 de setembro de 1908. Filho de mulato, brasileiro, e de branca, portuguesa; era gago, epiléptico, pobre, é por causa disto não pôde estudar em escolas e tornou-se um grande autodidata.

Colaborou na revista "Marmota Fluminense", foi aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, onde conheceu seu protetor, Manuel Antonio de Almeida; foi revisor de provas na Editora Paula Brito e no "Correio Mercantil" e colaborador em vários jornais e revistas da época.

Na imprensa publicou vários contos, crônicas, folhetins, artigos de crítica, muitos dos quais assinados com pseudônimos: Platão, Gil, Lara, Dr. Semana, Job, M.A., Max Manassés e outros.

Casou-se em 1869 com D. Carolina Novais, que veio dar mais inspiração à sua vida literária. Em 1904, quando D. Carolina morreu, ainda inspirou o mais belo soneto de sua producão: "A Carolina", publicado no livro "Relíquias de Casa Velha":

"Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração de companheiro.
"Pulsa-lhe- aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.
"Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.
"Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vívidos".

Foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1897.

Poesias: "Crisálidas", (1864); "Falenas", "Americanas".

Romances: "Ressurreição", "A Mão e a Luva", "Helena", "Iaiá Garcia".

Contos: "Contos Fluminenses", "Histórias da Meia Noite", (1869).

Teatro: "Desencantos", "0 Caminho da Porta", "0 Protocolo", "Quase Ministro", "Os Deuses de Casaca". Crônicas e Críticas. Fase Realista (de 1881 a 1908)

Poesias: "Ocidentais".

Romances: "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Quincas Borba", "Dom Casmurro", "Esaú e Jacó", "Memorial de Aires". Contos: "Papéis Avulsos", "Histórias sem Data", "Várias Histórias", "Páginas Recolhidas", "Relíquias de Casa Velha".

Teatro: "Tu, só Tu, Puro Amor" "Não Consultes Médico", "Lição de Botânica", crônicas e críticas.

Machado de Assis é de estilo clássico e sóbrio, com frases curtas e bem construídas, vocabulário muito rico e construções sintáticas perfeitas. Sua obra é de análise de caracteres e seus tipos são inesquecíveis e verdadeiros. Em toda sua obra há uma preocupação pelo adultério, tentado ou consumado, e muito de filosofia: a filosofia do humanitismo, que é explicada no seu romance "Quincas Borba". Sua técnica de composição no romance é muito importante para a compreensão da obra: não há homogeneidade na extensão dos capítulos: ora curtos, ora longos, não existe normalmente a seqüência linear, isto é, muitas vezes um capítulo não tem um final de ação, que irá continuar não no imediatamente seguinte, mas em outro um pouco distante. Esta técnica procura prender a atenção do leitor até o fim do livro, o que realmente consegue.

Sem dúvida, trata-se do mais alto escritor brasileiro de todos os tempos, o primeiro escritor universal de nossa Literatura. De uns tempos para cá, sua obra vem sendo objeto de estudos em profundidade, sob ângulos vários, constituindo-se no maior acervo bio-bibliográfico que jamais suscitou um escritor nacional. Sobretudo, cumpre destacar-se, como a mais importante de sua obra, a parte de ficção - seus contos, verdadeiras obras-primas - e os romances a partir da fase que se Iniciou com as "Memórias Póstumas de Brás Cubas".

Machado de Assis não se filia a qualquer coisa, dando apenas vazão ao seu próprio sentimento de homem introspectivo. É possuidor de um estilo simples, sem nenhum artificialismo. A concisão é uma de suas mais eloqüentes características. Cuidou, em suas obras, mais do homem do que da paisagem. Não foi grande poeta. Inicialmente passou pelo romantismo e depois mostrou-se parnasiano. Para Machado de Assis o homem é egoísta, impassível diante da felicidade ou infelicidade do seu semelhante. 0 sofrimento é inerente à própria condição humana. 0 homem sonha com a felicidade, sem suspeitar que tudo é Ilusão. Machado aconselha então a solidão, o Isolamento, por não crer no solidarismo humano.

No teatro Machado de Assis se revela como tradutor, critico e comediógrafo. Como critico procurava exaltar os valores morais. Para ele, "a arte pode aberrar das condições atuais da sociedade para perder-se no mundo labiríntico das abstrações. 0 teatro é para o povo o que o Coro era para o antigo povo grego: uma iniciativa de moral e civilização."

E ainda foi além. Ressuscitando uma antiqualha dos Séculos XVII; inovou o soneto, dando-lhe a forma contínua do (Círculo Vicioso). Outra inovação: a alternância do octossílabo com o tetrassílabo, de que se utilizou nos versos a Artur de Oliveira. Combinado o octossílabo com o doclecassílabo, criou ainda o ritmo dos agrupamentos da Mosca Azul. E deu em 1885 uma incomparável lição de poesia quando, na ocasião comemorativa do centenário do Marquês de Pombal, publicou, sob o título de A Suprema Injúria, uma série de quatorze sonetos, onde não há dois iguais na sua forma.

Machado de Assis foi ainda um técnico do verso, o admirável tradutor de a primeira fase machadiana. 0 terceiro romance, Helena, jovem confrade, e escreve poesia, a quem devemos pelo o que seria diferente da já representa uma evolução. Vai eclodir com as Memórias Póstumas de Brás Cubas.

No romance como na poesia, Machado de Assis ressente-se de influencia romântica nas primeiras obras: Ressurreição (1872), A Mão e a Luva (1875), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878). É toda romântica a concepção dos personagens e do entrecho; revela-se a personalidade do autor na preocupação mais acentuada do estudo dos caracteres. Mas as situações que arma, para os revelar, e a própria compreensão que deles tem, tudo trai a visão romântica, ainda que mitigada pela analise psicológica.

De Ressurreição, em que a narração e linear, a língua pobre, os caracteres de linhas definidas, a Iaiá Garcia, onde a narrativa é

dotada de maior penetração, a língua se precisa e os caracteres já se mostram mais complexos, o progresso é significativo. 0 mais romanesco dos três é Helena, a confinar por vezes com a inverossimilhança.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Brás Cubas, já falecido, conta, do outro mundo, as suas memórias: "Expirei em 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos". Galhofando dos ascendentes, fala da própria genealogia. Assevera que morreu de pneumonia apanhada quando trabalhava num invento farmacêutico, um emplastro medicamentoso.

Virgília, sua ex-amante, que já não via há alguns anos, visitou-o nos últimos dias de vida. Narra Brás Cubas um delírio que teve durante a agonia: montado num hipopótomo foi arrebatado por unia extensa e gelada planície, até o alto de uma montanha, de onde divisa a sucessão dos séculos. Além dos pais, tiveram grande influência na educação do pequeno Brás Cubas três pessoas: tio João, homem de língua solta e vida galante; tio Ildefonso, cônego, piedoso e severo; Dona Emerenciana, tia materna, que viveu pouco tempo. Brás passou uma infância de menino traquinas, mimado demasiadamente pelo pai.

Aos dezessete anos apaixona-se por Marcela, dama espanhola, com quem teve as primeiras experiências amorosas. Para agradar Marcela, Brás começa a gastar demais, assumindo compromissos graves e endividando-se. Marcela gostava de jóias e Brás procurava fazer-lhe todos os gostos. "Marcela amou-me, diz Brás Cubas, durante quinze meses e onze contos de réis". Quando o pai tomou conhecimento dos esbanjamentos do filho, mandou-o para a Europa: "vais cursar uma Universidade", justificou. Em Coimbra, Brás segue o curso jurídico e bacharela-se. Depois, atendendo a um chamado do pai, volta ao Rio: a mãe estava moribunda. E, de fato, apenas chega ao Brasil, a mãe falece. Passando uns dias na Tijuca, conhece Eugênia, moça bonita, mas com um defeito na perna que a fazia coxear um pouco, com ela mantém um passageiro romance.

O pai de Brás tem duas, ambições para o filho: quer casá-lo e faze-lo deputado. Tudo faz para encaminhá-lo no rumo do casamento e procura aumentar o circulo de amigos influentes na política, a fim de preparar o caminho para o futuro deputado. Assim é que Brás Cubas é apresentado ao Conselheiro Dutra que promete ajudar ao jovem bacharel na pretendida ascensão política.

Brás nesta altura vem a conhecer Virgília, filha do Conselheiro Dutra, pela qual se apaixona. Parecia, com isso, que os sonhos do pai sobre Brás estavam prestes a realizar-se: bem encaminhado na política e quase noivo. Entretanto aconteceu um imprevisto: surge Lobo Neves que não somente lhe rouba a namorada, mas também cai nas boas graças do Conselheiro Dutra.

Vendo assim preterido o filho, o pai de Brás sente-se profundamente desapontado e magoado. Veio a falecer dali a alguns meses, de um desastre. Virgília casa-se com Lobo Neves e, pouco tempo depois, vê eleito Deputado o marido. Mas, na verdade, Virgília casara-se com Lobo Neves por interesse, e ama realmente a Brás Cubas. Virgília e Brás principiam a encontrar-se com freqüência e, em breve, tornam-se amantes. Lobo Neves adorava a esposa e nela confiava inteiramente. Aliás não tinha muito tempo para observar o que se passava, já que estava entregue totalmente à política.

Narra nesta altura Brás Cubas o encontro que teve com seu ex-colega de escola primária, Quincas Borba, que se tornara um infeliz mendigo de rua. Depois do encontro com Quincas, Brás percebe que o maltrapilho lhe roubara o relógio. Os encontros amorosos entre Virgília e Brás suscitam comentários e mexericos dos vizinhos, amigos e conhecidos. Por esse motivo, Brás propõe a Virgília a fuga para um lugar distante. Virgília, porém, pensa no marido que a ama e na família, e sugere "uma casinha só nossa", metida num jardim, em alguma rua escondida. A idéia parece boa a Brás, que sai remoendo a proposta: "uma casinha solitária, em alguma rua escura". Virgília e sua ex-empregada, chamada Dona Plácida, se encarregam de adornar a casa e, aparentemente, quem ali reside é Dona Plácida. Ali os dois amantes se encontram sem maiores embaraços, e sem despertarem suspeitas. Sucedeu que, de certa feita, por motivos políticos, Lobo Neves foi designado como presidente de uma província e, dessa forma, teria de afastar-se com a mulher. Brás fica desesperado e pede a Virgília que não o abandone.

Quando tudo parece sem solução, eis que surge Lobo Neves e, para agradar ao amigo da família, convida-o para acompanhá-lo como secretário. Brás aceita. Os mexericos se tornam mais intensos e Cotrim casado com Sabina, procura fazer ver ao cunhado que a viagem seria uma aventura perigosa. Mais por superstição do que pelos conselhos de Cotrim, Lobo Neves acaba não aceitando mais o cargo de presidente, porque o decreto de nomeação saíra publicado no Diário oficial num dia 13: Lobo Neves tinha pavor pelo número, um número fatídico. Lobo Neves recebe uma carta anônima denunciando os amores da esposa com o amigo. Isso faz com que os

dois amantes se mostrem mais reservados, embora continuem encontrando-se na Gamboa (onde fica a casa de Dona Plácida).

Surge então um acontecimento que vem alterar a situação os personagens: Lobo neves é novamente nomeado presidente e, desta vez, parte para o interior do país levando consigo a esposa. Brás procura distrair-se e esquecer a separação.

A irmã Sabina, que vinha procurando "arranjar" um casamento para Brás, volta a insistir em seu objetivo. A candidata, uma moça prendada, chamava-se Nhá-loló. Mesmo sem entusiasmo, Brás aparenta interesse pela pretendente, mas Nhá-loló vem a falecer durante urna epidemia. o tempo vai passando.

Mais por distração do que por idealismo, Brás procura um derivativo de suas decepções amorosas na política. Faz-se deputado e, na assembléia, vem a encontrar-se com Lobo Neves que havia voltado da província. Encontra-se também com Virgília, que não tinha já aquela beleza antiga que o havia atraído anteriormente. Assim, por desinteresse reciproco, chegam ao fim os amores de Brás e Virgília. Quincas Borba, o mendigo, reaparece e lhe restitui o relógio, passando a ser um freqüentador da casa de Brás.

Quincas Borba estava mudado: não era mais mendigo, recebera uma herança de um tio em Barbacena. Virara filósofo: havia inventado urna nova teoria filosófico-religiosa, o Humanitismo, e não falava noutra coisa. 0 próprio Brás Cubas passa a interessar-se muito pelas teorias de Quincas Borba. Morre, por esse tempo, o Lobo Neves, e Virgilia "chorou com sinceridade o marido, como o havia traído com sinceridade". Também vem a falecer Quincas, Borba, que havia enlouquecido completamente. Brás Cubas deixou este mundo pouco depois de Quincas Borba, por causa de urna moléstia que apanhara quando tratava de um invento seu, denominado " emplasto Brás Cubas".

E o livro conclui:

"*Imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria*".

Fato narrativo em primeira pessoa; posição trans-temporal, a narrativa acompanha os vaivéns da memória do narrador defunto.

Quebra da unidade estrutural da narrativa: - forma livre, estrutura fragmentada, ausência de um fio lógico e ausência de um conflito central.

Drama da irremediável tolice humana. Brás Cubas tudo tentou e nada deixou. A vida moral e afetiva é superada pela biologicamente satisfeita. Acomodação cínica ao erro, ou melhor, a justificação moral interior racionalizada. Pessimismo (influência de Sterne, Schopenhauer, Darwin e Voltaire).

Segundo o Professor Alfredo Bosi :

"Memórias Póstumas de Brás Cubas" opera um salto qualitativo na Literatura Brasileira. "A revolução dessa obra, que parece cavar um poço entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo o cerne do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, Machado deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. 0 que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas.

Quincas Borba

Quincas Borba é um filósofo-doido. Mais na segunda que na primeira parte. Criou uma filosofia: Humanitas. "Humanitas" é o princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível... Pois essa substância, esse principio indestrutível é que é Humanitas... " Uma guerra: duas tribos que se encontram, frente a frente, perto de uma plantação de batatas que só darão para sustentar uma delas. É a luta pelas batatas. Pela sobrevivência. A tribo que vence, ganha as batatas. "Ao vencedor, as batatas". Filosofia e sandice condimentam as lições de Quincas Borba.

0 filósofo tinha um cão: Quincas Borba. Pusera nele o seu próprio nome. Afinal Humanitas era comum para ele e para o cão. E não só: se morresse antes sobreviveria o oâo. Um cão, meio tamanho, cor de chumbo, malhado de preto. Um filósofo assim tinha que acabar em... Barbacena. AI conheceu a Piedade, viúva de parcos meios, Era irmã de Rubião. Não se casou com o herdeiro. Rubião foi o melhor amigo e enfermeiro do filósofo.

Quando Quincas Borba morreu, numa incurável semidemência, na casa de Brás Cubas, no Rio, Rubião ficou rico, herdeiro universal do falecido filósofo. Herdeiro de tudo. Depois em breve pendência recebeu: casa na Corte, uma em Barcelona, escravos, ações no Banco

do Brasil e muitas outras, jóias, dinheiro, livros, a filosofia do morto e o seu cão Quincas Borba. A cláusula única do testamento era tratar bem o cão.

0 novo-rico muda-se para a Corte. Fica conhecendo o casal Palha e Sofia. E o pobre mestre-escola fica apaixonado por ela. Que olhos, que ombros, que braços!... Vinte e seis anos... Cada aniversário era um novo polimento dado pelo tempo. É bonita, sabe que é, e sabe mostrar-se. 0 marido gostava de mostrá-la a todos: vejam o que são as minhas e de se mostrar . E Sofia aprendeu logo e bem a arte se mostrar. Sofia seduz Rubião. Engana-o... Busca o dinheiro. Ganha presentes riquíssimos. O marido funda até a sociedade Palha e Cia.

É o dinheiro de Rubião que vai correndo. Muito depressa. A Sofia tem lá os seus desejos escondidos para com o galanteador Carlos Maria, Pobre Rubião! 0 dinheiro acabando, os amigos vão minguando, e a loucura vai chegando. Rubião passa pelas ruas aos gritos dos moleques (0 gira, ó gira...) certo que é Napoleão III . Metem-no num Sanatório. Rubião foge do sanatório do Rio e vai para Barbacena. Lá morre. E três dias depois encontraram o cão Quincas Borba, também morto, numa rua.

É o fim? Leitor: "eia, chora os dois recentes, se tens lágrimas.Se so tens risos, ri-te. É a mesma coisa. É outra crônica de fraquezas e misérias morais, concluída com uma filosofia desencantada, a filosofia do Humanitas: "Ao vencedoras batatas"... Uma súbita fortuna, uma paixão adúltera, ambições políticas acabam levando Rubião à loucura. Ele, que antes era um humilde mestre-escola, ingênuo e puro, envolve-se em um novo mundo, violento e agressivo. A fraqueza o destrói.

Narrado em 3a Pessoa. É o mais objetivo dos Romances de Machado. Análise psicológica de um homem Pobre que subitamente fica rico e a fortuna arrasta-o à loucura. E só a loucura salva Rubião do destino vulgar de vaidoso rico, explorado pelos que o cercam.

O Humanitismo:

"Ao vencedor, as batatas", pode ser interpretado como uma paródia irônica ao positivismo e evolucionismo. Posições filosóficas dominantes na segunda metade do século XIX-. É uma caricatura do princípio da evolução e da seleção natural que, na época, saíam do campo da biologia para impregnar a filosofia.

DOM CASMURRO

A própria personagem central, Bentinho, é que conta a sua história. Pincipia dizendo que está morando, sozinho, auxiliado por um criado, no Engenho Novo (Rio de Janeiro), em uma casa que ele mandara construir igual àquela em que passara a infância, em Matacavalos. Como vive isolado, os vizinhos apelidaram de Dom Casmurro, apelido que pegara. A história principia quando Bentinho já está com quinze anos e sua amiga de infância, Capitu, com quatorze.

Os dois crescem juntos e se estimam sinceramente. Dona Glória, mãe de Bentinho, viúva, tendo sido infeliz no primeiro parto, fizera a Deus uma promessa, se fosse bem sucedida no segundo parto, o filho seria religioso (padre ou freira, conforme o sexo) – Por isso, estava disposta a cumprir a promessa: Bentinho iria para o seminário.

À medida que o tempo passa e que a amizade de Bentinho e Capitu se transforma em namoro sério e apaixonado, a idéia do seminário vai-se tornando um grave problema para os dois, que buscam todas as maneiras de evitá-lo. Justina, prima de Dona Glória, que vivia em Casa desta, e a quem Bentinho suplica que interceda com a mãe em seu favor, se nega. José Dias, velho empregado da casa, muito estimado, diz que o problema não é fácil, pois o melhor é, antes, "aplainar o caminho". 0 próprio Bentinho, de índole tímida, tenta falar com a mãe, mas nem sequer consegue dizer-lhe o que quer. Capitu, e Bentinho perdem as esperanças de evitar o seminário. De qualquer modo, amando-se sinceramente, juram que, aconteça o que acontecer, se casarão. Bentinho irá para o seminário, mas ficará apenas algum tempo. Depois sairá e serão felizes.

No seminário, Bentinho trava conhecimento com Escobar, que se toma seu amigo e confidente. A vida agora transcorre entre os estudos eclesiásticos e as visitas semanais à sua casa. Escobar em conversa com bentinho, tem uma idéia: Dona Glória, rica que é, poderia cumprir a promessa de outro modo, isto é, custeando as despesas de um seminarista pobre, ficando Bentinho livre do seminário. A idéia vinga e Bentinho retoma à casa. Anos depois, já formado em Direito, casa-se com Capitu e começam uma vida repleta de felicidades. E essa felicidade ainda se torna maior quando Escobar, que também saíra do seminário, casa-se com Sancha, amiga de Capitu.

As duas famílias visitam-se freqüentemente. Escobar e Sancha têm uma filha, à qual dão o nome de Capitolina (Capitu). A única tristeza

(se é que se pode chamar tristeza) é não terem, Bentinho e Capitu, um filho. Por isso, fazem promessas e rezam continuamente. E o filho vem: um menino, a alegria dos pais. Chama-se Ezequiel. Escobar vem morar mais próximo de Bentinho e Capitu. Certo dia, Escobar se aventura nadando pelo mar agitado e morre afogado. Sancha retira-se para o Paraná, onde possuía parentes.

E a vida continua, feliz. Só uma coisa principia a preocupar cada vez mais seriamente a Bentinho: Ezequiel, à medida que vai crescendo, vai-se tornando uni retrato vivo do falecido amigo. Os mesmos traços, o mesmo cabelo, os mesmos olhos, o mesmo andar, até os mesmos tiques. A dúvida atormenta Bentinho, e uma infinidade de pequenas coisas que no passado haviam passado despercebidas começam a avolumar-se confirmando as suspeitas: Capitu o traíra. Um dia explode com Capitu, que não consegue encontrar meios de escusar-se. Pelo contrário, suas desculpas confirmam definitivamente a culpa. Bentinho leva a esposa adúltera? E o filho de Escobar para a Suíça, onde deles se separa. Tempos depois Capitu vem a falecer. Ezequiel, já moço, surge em casa de Bentinho: tornara-se a cópia do pai. Ezequiel não pára no Brasil e, participando de uma excursão no Oriente, também morre.

É o término do livro. Conclui Machado de Assis: "A minha primeira amiga e o meu melhor amigo, tão extremosos ambos e tão queridos, também quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me. A terra lhes seja leve"!

Narrado na primeira pessoa, Bentinho (D. Casmurro), propõe-se a "ATAR AS DUAS PONTAS DA VIDA". Ao evocar o passado, a personagem – narrador coloca-se num ângulo neutro de visão. Dessa maneira, pode repassar, sem contaminá-los, episódios e situações, atitudes e reações, acompanhadas apenas da carga emocional correspondente ao impacto do momento da ocorrência. Simultaneamente, opõe a esse ângulo de reconstituição do passado o ângulo do próprio momento da evocação, marcado pelo desmoronamento da ilusão de sua felicidade. Dessa forma temos uma dupla visão da experiência, reconstituída em termos de exposição e de análise. A visão esfumaçada do adultério é um dos requintes do "Bruxo do Cosme Velho" (Machado). Parece inspirado no drama de Otelo, de Shakespeare.

CAPITU: "olhos de ressaca", "cigana oblíqua e dissimulada" é a mais forte criação de Machado. Com inalterada frieza e racionalidade calculada vai tecendo o seu destino e também o dos outros.

ESAÚ E JACÓ

É a história dos gêmeos Pedro e Paulo, filhos de Natividade, que desde o nascimento dos meninos só pensa num futuro cheio de glória para eles. À medida que vão crescendo, os irmãos começam a definir seus temperamentos diversos: são rivais em tudo. Paulo é impulsivo, arrebatado, Pedro é dissimulado e conservador – o que vem a ser motivo de brigas entre os dois. Já adultos, a causa principal de suas divergências passa a ser de ordem política – Paulo é republicano e Pedro, monarquista. Estamos em plena época da Proclamação da República, quando decorre a ação do romance.

Até em seus amores, os gêmeos são competitivos. Flora, a moça de quem ambos gostam, se entretém com um e outro, sem se decidir por nenhum- dos dois: é retraída, modesta, e seu temperamento avesso a festas e alegrias levou o conselheiro Aires a dizer que ela era "inexplicável". 0 conselheiro é mais um grande personagem da galeria machadiana, que reaparecerá como memorialista no próximo e último romance do autor: velho diplomata aposentado, de hábitos discretos e gosto requintado, amante de citações eruditas, muitas vezes interpreta o pensamento do próprio romancista.

As divergências entre os irmãos continuam, muito embora, com a morte de Flora, tenham jurado junto a seu túmulo uma reconciliação perpétua. Continuam a se desentender, agora em plena tribuna, depois. Que ambos se elegeram deputados, e só se reconciliam ao fim do livro, com novo juramento de amizade eterna, este feito junto ao leito da mãe agonizante.

Narrado em terceira pessoa pelo o Conselheiro Aires. Há referências à situação política do Pais, na transição Império/República. É marcado pela ambigüidade e contradição. Pedro e Paulo são "os dois lados da verdade".

MEMORIAL DE AIRES

Este é o último romance do autor. Aqui, dois idílios são narrados paralelamente, ao longo das memórias do conselheiro Aires, personagem surgido em Esaú e Jacó: o do casal Aguiar e o da viúva Fidéfia com Tristão. Trata-se de um livro concebido em tom íntimo e delicado, às vezes repleto de melancolia. Nele Machado de Assis pôs muito dos últimos anos de sua vida com Carolina, falecida quatro anos antes da publicação. Não há muito que contar, senão pequenos fatos da vida cotidiana de um casal de velhos. 0 estilo é de extrema

sobriedade, e o autor, já na velhice, pretendeu com este livro prestar um depoimento em favor da vida, ainda que em tom de mal disfarçada tristeza e até mesmo desolação.

Memorial de Aires (1908) opera um verdadeiro retrocesso na obra machadiana. Nele o romancista retorna à concepção romântica, mitigada pelo ceticismo risonho do conselheiro Aires. Ai se respira a mesma atmosfera dos seus primeiros romances: os seres são de eleição e a vida gira em torno do amor. Distingue-o, porém, e torna-a muito superior àqueles a mestria do ofício, o domínio do instrumento.

Como novidade, traz a forma de diário e o narrador não é onisciente; observa como simples comparsa os personagens principais, procura adivinhar-lhes o íntimo através de suposições próprias ou através de informações alheias – a dar alguma idéia do processo de Henry James, este, entretanto, muito outro, com outras intenções e de outra tessitura.

******